

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT10.026

ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/ SUPERDOTAÇÃO E A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES

Sandra Maria Andrade dos Santos Melo¹
Eduarda Aguilar Damásio²

RESUMO

Uma das vertentes educativas mais férteis é a busca incessante por uma escola inclusiva, a qual contenha um projeto pedagógico que contemple as necessidades específicas de cada educando. Quando falamos de altas habilidades/superdotação, surgem algumas ideias que nos levam a pensar em crianças prodígio e gênios em todas as áreas do conhecimento, mas, não é bem assim, essas crianças precisam de um olhar flexível para que suas necessidades sejam atendidas. Os professores precisam quebrar antigos paradigmas e utilizar de estratégias pedagógicas que atendam às necessidades desses alunos. Diante dessa situação, o que nós, educadores, podemos propor como desafios a esses alunos para que seus direitos de aprendizagem sejam garantidos? Este artigo se trata de uma pesquisa de mestrado e a investigação se apoia em conhecer o olhar do educador sobre o conceito de altas habilidades/superdotação e sobre a práxis educativa como forma de democratizar as necessidades individuais dos alunos superdotados. A referida pesquisa, nos leva a indagar e a refletir sobre: Os professores do ensino fundamental dos anos finais se apropriaram do conceito de altas habilidades/superdotação ainda na universidade e sabem qual metodologia utilizar para que esses alunos se mantenham motivados e avancem em seu processo de aprendizagem? A referida pesquisa teve caráter qualitativo onde descreveu e interpretou os dados expostos pelos professores de uma escola na cidade de Natal/RN ao professor pesquisador a fim de analisar e revelar

1 Mestranda em Ciência da Educação da Universidade Del Sol - PY, sandramelomestrado@gmail

2 Orientadora. Mestra em Educação (2023) pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM- Uberaba/MG) em Ciência da Educação, eduardaaguilar91@gmail.com

a visão do educador sobre a condição dos alunos com altas habilidades/superdotação, realidade vivenciada no dia a dia de sala de aula e as metodologias adotadas.

Palavras-chave: Altas habilidades/superdotação, percepção do professor, inclusão.

INTRODUÇÃO

Até o início do século XX não se escutava falar sobre o termo Altas Habilidade/Superdotação, até esse momento, não se falava em quantificação dos atributos da inteligência.

Alfred Binet, psicólogo francês nascido em 1857 e falecido em 1911, desenvolveu a primeira escala de desenvolvimento infantil, onde, através de testes psicológicos identificou e descreveu as tarefas que podiam ser desempenhadas em cada etapa do desenvolvimento infantil. Essa escala passou a ser um referencial do que se podia esperar de uma criança com desenvolvimento normal. Porém no ano de 1905, junto a Théodore Simon, psicólogo francês, nascido em 1873 e falecido em 1961, formado em Medicina, aperfeiçoou a escala e construíram o conceito de idade mental e testes que medissem as faculdades psicológicas superiores de memória, atenção, imaginação e compreensão.

Em 1916 Lewis M. Terman publicou junto a Universidade de Stanford a escala de inteligência Stanford Binet, ele desenvolveu o conceito de QI (coeficiente de inteligência) idade mental/idade cronológica x 100.

No Brasil, os estudos relacionados a inteligência e faculdades psicológicas teve suas discussões iniciadas ao final do século XIX com a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos em 1854, que segundo Mazzota (1999), deveu-se a José Álvares de Azevedo e do Instituto dos Surdos-Mudos em 1857. Anos mais tarde, na Bahia, a saúde dava início a assistência de pessoas com deficiência intelectual no Hospital Juliano Moreira no ano de 1874. Em 1887 foi criada a Escola México, no Rio de Janeiro, que atendia em seu ensino regular deficientes físicos e intelectuais (Jannuzzi, 1992; Mazzota, 2005).

Do ano de 1887 a 1929 foram passados 42 anos, sem grandes avanços. Porém, Brandão e Mori (2007) relatam que em 1929 houve o primeiro registro das primeiras validações de testes de inteligência americanos em nosso país, na cidade do Recife, no entanto a escala WISC (Escala de Inteligência Wechsler para Crianças), foi introduzida no nosso país somente no ano de 1939, hoje a mais recente é a quinta edição (Jannuzzi, 1992).

As altas habilidades foi chamada a atenção por Helena Antipoff ainda na década de 1930, mas somente da década de 1960, o MEC criou uma comissão para estabelecer critérios de identificação e de atendimento aos superdotados. A ABSD (Associação Brasileira para Superdotados) só foi criada em 1978 e final-

mente em 2008 a publicação da Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, onde aborda AH/SD.

Para Helena Antipoff o termo excepcional seria definido como:

Crianças e adolescentes que se desviam acentuadamente para cima ou para baixo da norma de seu grupo em relação a uma ou várias características mentais, físicas ou sociais, ou qualquer dessas, de forma a criar um problema essencial com referência à sua educação, desenvolvimento e ajustamento social (Antipoff, 1962/1992, p.271).

Neste mesmo ano da fundação da Pestalozzi, oito crianças foram identificadas “supernormais” o que deu a Sociedade Pestalozzi uma nova visão, pois também atendia crianças superdotadas.

No ano de 1961 a legislação brasileira através do registro federal 4024/61 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1961) consta nos Artigos 88 e 89 são dedicados à educação dos excepcionais. Contudo, foi apenas em 1967 que o Ministério da Educação e Cultura criou a primeira comissão titulada para estabelecer normas para identificar e atender alunos superdotados (Mazzotta, 1990). No ano de 1971 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 5692/71, em seu Art. 9º definem que “Os alunos que apresentem deficiências físicas ou mentais, os que se encontrem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados deverão receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes Conselhos de Educação” (Brasil, 1971). Pela primeira vez o termo “superdotado” foi usado e garantido o recebimento de um tratamento especial. Neste mesmo ano, em Brasília aconteceu o Primeiro Seminário sobre Superdotados no Brasil.

Após a atualização da nossa Constituição, no ano de 1988, o Artigo 205, passou a afirmar que: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988, p. 38).

O atendimento à pessoa com altas habilidades/superdotação está direcionado no respeito à dignidade do ser humano e a ter direito ao pleno desenvolvimento, como ação, se necessária uma educação pautada na aprendizagem efetiva, pois só assim os conhecimentos terão utilidades, favorecerão o raciocínio, atitudes e valores.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), N°. 9.394/96, dispõe em seu artigo 58° que a Educação Especial é a “modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais” (Brasil, 1996, p.43). A referida Lei garante em seu artigo 59°, inciso I, que os sistemas de ensino assegurarão a esses alunos, “currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades” (Brasil, 1996, p.44).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), um percentual entre 3,5% a 5% da população mundial são indivíduos com altas habilidades/superdotação. Segundo o INEP/Censo Escolar 2023 um total de 38.019 estudantes no Brasil possuem altas habilidades/superdotação.

No ano de 2015, a Lei 13.234/15, dispõe sobre a identificação, o cadastramento e o atendimento, na educação básica e na educação superior com altas habilidades/superdotação e determina que o poder público institua um cadastro nacional de alunos com AH/SD matriculados na educação básica e na educação superior com intuito de promover políticas públicas para voltadas ao desenvolvimento pleno das potencialidades desses alunos.

A Política Nacional de Educação Especial, através do decreto nº 10.502/20 (Brasil, 2020) estabelece uma educação: equitativa, inclusiva e com aprendizado ao longo da vida e apresenta a definição de “público-alvo” da educação especial como sendo educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Dentre os itens apresentados, no Art. 3°, o IV garante aos alunos com altas habilidades/superdotação o “desenvolvimento pleno das potencialidades do educando” (Brasil, 2020). Porém tal decreto foi revogado pelo Decreto nº 11.370 de 2023.

O quadro a seguir nos mostra a cronologia das altas habilidades/superdotação.

Quadro 1 - Cronologia das altas habilidades/superdotação

ANO	EVENTO
Início do Século XX	Primeira escala de desenvolvimento infantil
1905	Aperfeiçoamento da primeira escala e construção de testes que medissem as faculdades psicológicas superiores de memória, atenção, imaginação e compreensão
1916	Definição do conceito de QI (coeficiente de inteligência)
1932	Criação da Sociedade Pestalozzi por Helena Antipoff
1932	Identificação de oito crianças citadas “supernormais” na Sociedade Pestalozzi

ANO	EVENTO
1961	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, dois artigos dedicados aos excepcionais
1966/1967	Primeiros seminários sobre educação dos bem-dotados (Sociedade Pestalozzi)
1967	O MEC cria a primeira comissão titulada para estabelecer normas para identificar e atender alunos superdotados
1971	A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 5692/71, em seu Art. 9º definem que “Os alunos que apresentem Deficiências físicas ou mentais e os superdotados deverão receber tratamento especial
1971	Primeiro Seminário sobre Superdotados no Brasil
1976	Primeiro Programa de Atendimento ao Superdotado foi implantado em Brasília
1988	III Congresso Ibero-americano sobre superdotação em Brasília
1994	Foi publicada a Política Nacional de Educação Especial
1996	LDB foi atualizada inclusive o Capítulo que trata da Educação Especial
2001	Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica
2003	Criação do Conselho Brasileiro para Superdotação (ConBraSD)
2007	Criação dos Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S)
2008	Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva
2010	Marco Político-Legal da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva
2013	Lei nº 12.796, passa a utilizar o termo altas habilidades ou superdotação
2015	Lei 13.234/15 dispõe sobre a identificação, o cadastramento e o atendimento, na educação básica e na educação superior, de alunos com altas habilidades/superdotação que determina que o poder público institua um Cadastro nacional desses alunos.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Superdotação é um ‘desenvolvimento assíncrono’ no qual avançadas habilidades cognitivas e elevada intensidade se combinam para criar experiências internas e consciência que são qualitativamente diferentes da norma. Esta assincronia aumenta com a maior capacidade intelectual. A singularidade do superdotado torna-o particularmente vulnerável e requer modificações na educação pelos pais, ensino e aconselhamento, a fim de que possam se desenvolver de forma otimizada (Morelock,1992 apud Silverman,1992, p. 01).

Partindo do pressuposto que pessoas com altas habilidades/superdotação possuem capacidade de utilizar o pensamento abstrato do processar informação e de integrar experiências que resultem em respostas apropriadas e adaptáveis a novas situações além de aplicar várias combinações de habilidades gerais a uma ou mais áreas especializadas do conhecimento, em alguns casos a pessoa

com AH/SD não consegue estabelecer uma conexão do seu potencial com sua performance escolar. A esta condição dá-se o nome de *underachievement*.

Especialistas da área consideram essa condição como um dos maiores desafios a serem enfrentados na educação de superdotados.

A palavra *underachievement*, traduzida do inglês, significa insucesso. Ela revela a diferença entre a habilidade revelada pelo educando com altas habilidades/superdotação e a performance atingida no contexto escolar.

A definição de *underachievement* enfatiza a discrepância entre o potencial revelado (habilidade) e a performance (realização) de indivíduos superdotados diante das variadas situações que a vida lhes oferece, seja na resolução de problemas, na constituição e no alcance de metas pessoais, familiares e profissionais ou mesmo em relação à motivação para atingir sua autorrealização (Ourofino e Fleith, 2011, p.206).

Partindo para os modelos teóricos de altas habilidades/superdotação apresentamos alguns autores e suas teorias.

Renzulli, em sua teoria dos três anéis define a superdotação como a “interação entre três grupamentos básicos de traços humanos – sendo esses grupamentos as capacidades gerais acima da média, os elevados níveis de comprometimento com a tarefa e os elevados níveis de criatividade” (Renzulli, 1979, p. 6) e serve como base para a definição do Ministério de Educação do Brasil (Brasil, 1995) que a adotou nas “Diretrizes gerais para o atendimento educacional aos alunos portadores de Altas Habilidades/Superdotação e talentos”.

Quando se fala de habilidades acima da média, falamos em capacidades gerais e específicas. A habilidade geral tida como uma capacidade de utilizar o pensamento abstrato do processar informação e de integrar experiências que resultem em respostas apropriadas e adaptáveis a novas situações. As habilidades específicas como competências de aplicar várias combinações de habilidades gerais a uma ou mais áreas especializadas do conhecimento ou do desempenho humano, como dança, fotografia, liderança, matemática, composição musical, etc. Dessa forma, Renzulli (2004b) ao usar o termo “habilidade acima da média”, se refere a um domínio superior do potencial em alguma área específica.

No que concerne ao envolvimento com a tarefa, estamos falando no tempo (ou energia) que o indivíduo investe em uma área específica de desempenho e que pode ser traduzida em termos como autoconfiança, perseverança, resistência, paciência e crença na própria habilidade de desenvolver um traba-

lho e ação específica aplicada à área de interesse (Renzulli, 2005). A criatividade é um dos determinantes na personalidade dos indivíduos que se destacam em alguma área do saber humano e envolve a originalidade (ou novidade) e a efetividade (ou utilidade, aplicação).

Renzulli acredita que, para serem produtores de conhecimento (e não meramente consumidores de conhecimentos), nossos alunos devem ter oportunidade de desenvolver materiais e produtos originais, como aprendizes em primeira mão (Renzulli, 1986a, 1986c).

Outro modelo teórico é o de Gagné (2004), chamado de Modelo Diferenciado de Superdotação e Talento (DMGT) voltado para o desenvolvimento do talento. Neste modelo, Gagné expõe a diferença entre “superdotação” e “talento”. Ele afirma que:

Superdotação designa a posse e uso de recursos não treinados e espontâneos. Expressando habilidades naturais (chamadas de aptidões ou dons excepcionais), em pelo menos uma habilidade domínio, a um grau que coloque um indivíduo pelo menos entre os dez por cento mais ricos colegas de idade. Talento designa o excelente domínio de habilidades sistematicamente desenvolvidas (ou habilidades) e conhecimento em pelo menos um campo da atividade humana em um grau que coloque um indivíduo pelo menos entre os dez por cento de maior faixa etária que são ou foram ativos nesse campo ou campos (Gagné, 2004. Tradução nossa).

O DMGT propõe quatro domínios de aptidão: intelectual, criativa, socioafetiva, sensório-motora.

Howard Gardner, nos traz como contribuições, a Teoria das inteligências múltiplas. Segundo Gardner todo ser humano tem a habilidade de questionar e resolver problemas usando todos os tipos de inteligência e essas várias inteligências serão desenvolvidas de acordo com fatores genéticos ou de fatores motivacionais e culturais.

Segundo Gardner (1995, p.21) a inteligência:

(...) implica na capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural. A capacidade de resolver problemas permite à pessoa abordar uma situação em que um objetivo deve ser atingido e localizar a solução adequada para esse objetivo.

No ano de 1983 Gardner concluiu através dos seus estudos, a sua Teoria das Inteligências Múltiplas. Segundo ele, há sete tipos de inteligências, são elas: Inteligência Linguística, que é a capacidade que é usada de forma mais completa como por exemplo na fala ou escrita. A Inteligência lógico matemática, como a capacidade lógica e matemática de realizar operações numéricas e fazer deduções. Inteligência espacial que é a capacidade de percepção visual, habilidades de desenhos e orientação espacial. A Inteligência musical como sendo a capacidade de sensibilidade à música, ritmo e melodia. A Inteligência corporal-cinestésica é a capacidade de resolver problemas ou de elaborar produtos utilizando o corpo inteiro, ou parte do corpo. A Inteligência interpessoal como a capacidade de compreender as intenções e os desejos dos outros e de se relacionar bem em sociedade. Por fim, a Inteligência intrapessoal como a capacidade de autoconhecimento e utilização para operar efetivamente na vida para alcançar certos fins (Gardner,1995).

Em 1996, Gardner percebeu a necessidade de agregar a sua lista de sete inteligências mais duas, a naturalista e a existencialista, totalizando dessa forma nove formas de manifestação da inteligência.

No seu livro *Inteligência: um conceito reformulado* (2001), a Inteligência naturalista é compreendida como:

Um naturalista demonstra grande experiência no reconhecimento e na classificação de numerosas espécies - a flora e a fauna - de seu meio ambiente. Cada cultura preza pessoas capazes não só de reconhecer membros especialmente valiosos ou notadamente perigosos de uma espécie, mas também categorizar organismos novos e desconhecidos (Gardner, 2001 p.64).

Por fim, o autor acrescenta a sua lista, a nona inteligência, a Inteligência existencial, refletindo sobre aspectos da existência humana:

(... a capacidade de se situar em relação aos limites mais extremos do cosmos

– o infinito e o infinitesimal – e a capacidade afim que é a de se situar em relação a elementos da condição humana como o significado da vida, o sentido da morte, o destino final dos mundos físicos e psicológicos e experiências profundas como o amor de outra pessoa ou a total imersão numa obra de arte (Gardner, 2001 p.78 e 79).

Dito isto, a investigação desta pesquisa se apoia em conhecer o olhar do educador sobre o conceito de altas habilidades/superdotação e sobre a práxis

educativa como forma de democratizar as necessidades individuais dos alunos superdotados. Ela faz parte da nossa pesquisa de dissertação e ainda está em processo de análise dos dados.

O interesse pelo tema se justifica pelos objetivos pessoal, em contribuir com meu filho no dia a dia e profissional, como forma de propor aos educandos das instituições em que atuo, um ambiente escolar e uma práxis de ensino favorável aos interesses dos alunos e através desses estímulos, possibilitar que sejam capazes de concluírem os seus estudos no Ensino Fundamental e continuarem estimulados no Ensino Médio e Universidade.

Face ao exposto, nossa proposta de trabalho foi conhecer o olhar dos professores e metodologias de trabalho utilizadas com alunos com AH/SD e como elas favorecem as necessidades básicas de aprendizagem desse público específico. A referida pesquisa foi desenvolvida em uma escola na cidade do Natal, com seis professores que ministram aulas no Ensino Fundamental anos finais. A escola a qual foi desenvolvida a pesquisa oferece educação para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio. Neste ano de 2024, a escola possui 6 (seis) alunos com altas habilidades/superdotação com avaliações neuropsicológicas, sendo 5(cinco) alunos no ensino fundamental, anos finais.

Para nossa pesquisa, traçamos como objetivo geral, analisar se o professor que trabalha com alunos com altas habilidades/superdotação tem compreensão sobre essa condição neurodivergente e preparo para trabalhar com esse público, avaliando as dificuldades e facilidades. Como objetivos específicos achamos importante: 1) Compreender as percepções dos educadores acerca das AH/SD e investigar a práxis educativa utilizada pelos professores de uma escola de Natal (RN), com os alunos com AH/SD do ensino fundamental anos finais; 2) Analisar se o ambiente favorece o interesse e aprendizagem dos alunos.

A pesquisa foi um estudo de campo, sendo desenvolvida *in loco* por meio de realização de entrevistas semiestruturadas, gravadas e posteriormente transcritas e analisados os dados obtidos.

METODOLOGIA

O presente trabalho teme como procedimento metodológico a abordagem qualitativa, com abordagem exploratória e descritiva, pois pretende verificar se: Os professores dos anos finais se apropriaram do conceito de altas habilidades/superdotação ainda na universidade? Sabem identificar características

nos alunos que a possuem? Há meios de trabalhar as competências cognitivas desses alunos sem atrapalhar o andamento da turma? Qual metodologia utilizar para que esses alunos se mantenham motivados e avancem em seu processo de aprendizagem?

Fundamentando-se nessa perspectiva da pesquisa qualitativa, Souza e Santos (2020, p. 1398) deixam claro que:

[...] toda pesquisa tem como intencionalidade indagar algo a partir de uma problemática vivenciada no contexto social, tendo como objetivo responder à pergunta problema e as preocupações de elaborar novos conhecimentos que possibilitem compreender/ transformar a real condição do que está sendo estudado.

Ao discorrer sobre o assunto Triviños (1987, p. 133), bem define essa modalidade como sendo “[...] uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente”.

Através da pesquisa qualitativa realizada pudemos nos apoiar em autores importantes da área das altas habilidades ou superdotação como Joseph Renzulli, Howard Gardner e Françoys Gagné. E optamos por utilizar recursos investigativos que se complementam na proposta de atingir nossos objetivos, sendo assim, escolhemos realizar entrevistas semiestruturadas, as quais serão mencionadas posteriormente, elas serão gravadas e transcritas para buscarmos analisar, compreender e interpretar os dados obtidos.

Para Triviños (1987, p. 146):

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

O autor ainda complementa afirmando que a entrevista semiestruturada: “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade, tanto dentro de sua situação específica como de situações de dimensões maiores. (Triviños, 1987, p. 152).

Conforme citado anteriormente, essa pesquisa foi realizada em uma escola privada na cidade do Natal/RN, onde foi percebido ter matriculados no ensino

fundamental anos finais, cinco alunos com altas habilidades/superdotação com avaliações neuropsicológicas apresentadas a referida instituição de ensino.

Primeiramente tivemos a autorização para coleta de dados em unidade escolar assinada pela gestora pedagógica da unidade de ensino onde a pesquisa foi realizada.

Tivemos como participantes da pesquisa seis professoras que atuam nos anos finais do ensino fundamental da escola, as quais lecionam diferentes componentes curriculares.

A participação dos professores deu-se por haver mais alunos com avaliação neuropsicológica nesse seguimento de ensino na referida escola. Esses professores, após orientação inicial da pesquisadora, assinaram o termo de autorização para coleta de dados (colaborador individual) em duas vias, onde, uma via ficou com o professor colaborador e uma via com a pesquisadora.

Utilizamos como coleta de dados a entrevista semiestruturada, pois através desse instrumento compreendemos que seria mais ampla a análise das percepções dos sujeitos participantes da pesquisa. As entrevistas foram agendadas antecipadamente com cada participante os quais definiram as datas e horários para as entrevistas de acordo com as aulas “vagas” dos mesmos.

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação, Gil (2008, p. 128).

Foram realizadas entrevistas com seis professores, já fizemos a exploração do material obtido nas entrevistas, categorizamos e estamos no processo na análise dos dados, esperamos compreender essa visão dos educadores com relação aos alunos com altas habilidades ou superdotação e suas práticas pedagógicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO (PARCIAIS)

Após a fase de exploração do material, foram criadas quatro categorias que respondem aos objetivos da pesquisa, são elas: **Formação inicial, Percepção de AH/SD, Legislação e Suporte Pedagógico e Práxis Educativa**. As categorias foram criadas a partir da relevância dos depoimentos e por aspectos comuns nas falas dos participantes.

Na primeira categoria, **Formação inicial**, percebemos que a faixa etária dos seis professores participantes da pesquisa, esta, se situa entre vinte e quatro e quarenta e nove, cinco são do sexo feminino e um do sexo masculino. Quanto a formação inicial (graduação), um professor é formado em Letras, um professor em Matemática, dois em Ciências Biológicas, um em História e um em Engenharia Química. Com relação a pós-graduação, o entrevistado 1 possui Especialização em Sociolinguística e Ensino do Português, o entrevistado 2 tem Mestrado em Matemática aplicada e informática, entrevistado 3 possui uma Especialização em Ciências, o entrevistado 4 ainda está fazendo o mestrado, o entrevistado 5 possui Especialização em Gestão escolar e o entrevistado 6 tem doutorado em processos de micro reatores, intensificação de processos.

No que concerne ao tempo de experiência no magistério, o entrevistado 1 possui vinte e três anos de experiência; o entrevistado 2 possui dez anos; o entrevistado 3, vinte anos; já o entrevistado 4 possui seis anos no magistério; entrevistado 5 possui quatro anos e o entrevistado 6 têm onze anos de experiência no processo de ensino-aprendizagem. Compreende-se, através dos dados apresentados, que a maioria dos professores participantes da pesquisa já tem mais de dez anos de experiência no magistério. Apenas dois entrevistados, tem menos de dez anos de experiência.

Quando perguntados se haviam estudado a temática das altas habilidades ou superdotação na formação inicial, cinco professores disseram que não haviam estudado; apenas um entrevistado afirmou: “na matéria de didática, nós tivemos uma introdução, mas não é a mesma coisa que ver em sala de aula” (Entrevistado 1).

Conseguimos dessa forma perceber que os professores que participaram da pesquisa têm idade diversas e possuem em sua maioria experiência superior a dez anos. A escolarização de todos é superior a graduação e mesmo assim, a temática das altas habilidades não foi estudada na formação inicial e nenhum dos entrevistados realizou curso sobre essa condição.

Na categoria **Percepção de altas habilidades/superdotação**, no que concerne à definição de altas habilidades ou superdotação os professores relataram que, o hiperfoco em um determinado assunto, a alta capacidade cognitiva e de compreensão, a rapidez de aprendizado e de respostas, e a profundidade de conhecimentos são conceitos relacionados a altas habilidades, segundo eles. Esses conceitos se entrelaçam com os apresentados pelo psicólogo Renzulli, que define a superdotação como a intersecção de três características: habilidade

acima da média em alguma área de conhecimento, capacidade de realização criativa e grande envolvimento na realização das atividades de seu interesse (Renzulli, 1986).

Percebemos também que o entrevistado 4 demonstra dúvida ao relatar que altas habilidades e superdotação são duas coisas diferentes: “Há diferença entre os dois, não é? Altas habilidades é altas habilidades em alguma disciplina, em algum campo. Superdotação é algo mais abrangente, algo mais amplo” (Entrevistado 4). No entanto, sabemos que são a mesma coisa, segundo Renzulli.

As características dos alunos com altas habilidades perpassam pelas características intelectuais e características afetivas e sociais, criatividade, motivação e liderança. Os entrevistados listaram algumas características que consideram pertencer aos educandos com altas habilidades ou superdotação, porém cada entrevistado demonstra um ponto de vista singular. O entrevistado 1 defendeu que as principais características são: participação efetiva, muitas perguntas, muita bagagem de leituras e conhecimentos. Em sua fala ele diz: “ele sabe perguntar, porque ele lê, então ele não chega com perguntas aleatórias. Ele sabe exatamente o que está perguntando. E isso muitas vezes é desafiador, porque a gente tem que estar preparado”.

O entrevistado 2 percebe que por todo aluno ser diferente, “então não tem muito o que dizer características” (Entrevistado 2). Ele afirma que quando os conhecimentos pertencem ao hiperfoco do aluno, que ele tem mais facilidade de debater o conteúdo, tem mais facilidade de entender os assuntos abordados.

O entrevistado 3 relata como característica a falta de habilidade no relacionamento com os colegas, são retraídos e tímidos, não interagem muito com a sala na maioria das vezes, tem rapidez na resolução de atividades, buscam seus pares, raciocínio rápido, raciocínio muito assertivo nas colocações, vão além do conhecimento trabalhado. O entrevistado 4 expôs que as características são: hiperfoco em um campo de estudo, uma área de conhecimento maior, facilidade e rapidez em aprender.

Para o entrevistado 5 um aluno que tem altas habilidades ou superdotação ‘ele é um aluno com as características de perfil muito proativo em sala de aula, no sentido do conteúdo. Então, segundo as minhas experiências, diante das minhas experiências, são alunos que dificilmente, dificilmente desconhecem totalmente sobre o assunto’. Outras características que foram abordadas pelo entrevistado foi o comprometimento com as atividades de sala e de casa e a autorregulação em sala de aula, “então, eles se autorregulam, eles sabem exatamente o que eles

estão fazendo e como estão fazendo. E sabem também que talvez o restante da turma não seja igual”.

O entrevistado 6 afirma que “como a capacidade mental na área, ela é maior do que dos outros, a velocidade de resposta e, normalmente, a vontade de responder e de aumentar o nível da aula, ela é gigante...”, ressalta também que percebe ansiedade para responder perguntas ligadas à área de seu hiperfoco e desinteresse nas áreas que não faz parte de seu interesse.

As falas dos entrevistados 1,3, 4, 5 e 6, corroboram com Renzulli (2004) e Renzulli & Reis(1997) quando tratam de algumas características comuns a superdotação, como: tirar notas boas na escola, apresentar grande vocabulário, gostar de fazer perguntas, necessitar pouca repetição do conteúdo escolar, aprender com rapidez, ter boa memória, ser perseverante, apresentar excelente raciocínio verbal e/ou numérico, ser um consumidor de conhecimento, ler por prazer e gosta de livros técnicos/profissionais. A entrevistada 2 não percebe características inerentes aos alunos com altas habilidades ou superdotação, pois considera que todos os alunos são diferentes, porém afirma que aprende com mais rapidez a conteúdos que são do seu hiperfoco/interesse.

No que concerne à pergunta: A quem compete realizar a identificação de um estudante com altas habilidade ou superdotação? A maioria dos entrevistados concorda que primeiramente compete ao professor, pois acreditam que o professor é o que primeiro que percebe, no processo de ensino-aprendizagem se o professor apresentar um olhar atento, logo identificará que o aluno tem um conhecimento maior e se destaca dos demais alunos da sala de aula.

McCoach & Siegle (2003) pontuam que ‘como forma de evitar problemas de desajustamentos, desinteresse em sala de aula e baixo desempenho, a identificação de indivíduos com AH/SD deve ser promovida de forma prematura’.

Corroborando com as percepções dos professores entrevistados, Marques salienta:

Sendo o reconhecimento do aluno precoce uma ação pedagógica, composta de uma amplitude de opções de atendimento, torna-se ainda maior a importância do papel do professor neste processo, o que reforça a necessidade de uma base de formação sólida, essencial para atuar de maneira eficiente e eficaz (Marques,2013, p. 66).

A identificação da criança superdotada deve considerar a definição de altas habilidades/superdotação que se mostrar mais adequada ao contexto escolar. É necessário um conjunto de práticas educacionais que atendam às

necessidades desses alunos e favoreçam o seu desenvolvimento. Para isso, é preciso estar atento a algumas características que estão presentes em seu dia a dia como: perfeccionismo, perceptividade, necessidade de entender, necessidade de estimulação mental, necessidade de precisão e exatidão, senso de humor, sensibilidade/empatia, intensidade, perseverança, auto consciência, não conformidade, questionamento da autoridade e introversão.

Seguimos agora na análise das duas últimas categorias para concluir nossa pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa faz parte da dissertação de mestrado e até o presente momento conseguimos discorrer sobre as duas primeiras categorias, dando continuidade, seguiremos na análise das demais categorias para chegarmos à conclusão da pesquisa.

Até o presente momento, do que foi analisado na pesquisa, percebemos que muitos professores enfrentam lacunas em sua formação inicial em relação ao entendimento das altas habilidades e superdotação. Embora possam reconhecer algumas características dessas condições, a falta de uma formação específica limita sua capacidade de identificar e atender adequadamente às necessidades desses alunos. Investir em capacitação continuada e em programas de formação que abordem esses temas é crucial para que os educadores possam criar um ambiente de aprendizado mais inclusivo e enriquecedor, beneficiando não apenas os alunos superdotados, mas toda a comunidade escolar.

Esperamos que esta pesquisa contribua no campo da educação no sentido de colaborar com educadores, a fim de permitir olhares desmistificados e conscientização da importância do respeito as individualidades, segundo a condição de cada aluno.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice S.; FLEITH, Denise S. **Superdotados: determinantes, educação e ajustamento**. 2. ed. São Paulo: EPU, 2001.

ANTIPOFF, H. **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais**. In: Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff. **Coletânea das obras escritas de**

Helena Antipoff: Educação do excepcional. v. 3, pp. 271-288. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1962/1992.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Tradução: Luís Antero Reto. Portugal: Edições 70, 1977.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB 2/2001.** Diário Oficial da União, Brasília, 14 set. 2001. Seção 1E, p. 39-40.

BRASIL. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Legislação Informatizada - LEI Nº 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961 - Publicação Original.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 29 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Censo Escolar 2020.** Disponível em: https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2020/apresentacao_coletiva.pdf. Acesso em: 16 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto nº 7611, de 17 de novembro de 2011.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm. Acesso em: 28 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional Lei nº 9.394/96.** MEC/Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm. Acesso em: 18 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 10.049 de 27 de janeiro de 2016.** Disponível em: <http://www.al.rn.leg.br/storage/legislacao/2016/01/29/be5a8e56ae78b3174b64f1275f8a27ed.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 13.234, de 29 de dezembro de 2015.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2015/L13234.htm. Acesso em: 30 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº 17/2001.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB017_2001.pdf. Acesso em: 31 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Projeto Escola Viva – Garantindo acesso e permanência de todos os alunos na escola – Alunos com necessidades educacionais especiais.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2022. 96 p.: il.

CASTRO, Marcelo Lúcio Ottoni de; BRITTO, Tatiana Feitosa de. **O Atendimento Escolar de Alunos com Altas Habilidades ou Superdotação: Desafios e propostas legislativas.** Brasília: Núcleo de Estudos e Pesquisas/CONLEG/Senado, dez. 2023. (Texto para Discussão nº 323). Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/publicacoes/estudos-legislativos/tiposdeestudos/textos-para-discussao/td323>. Acesso em: 28 mar. 2024.

EMERICK, L. J. (1992). **Academic underachievement among the gifted: Students perceptions of factors that reverse the pattern.** *Gifted Child Quarterly*, v. 36, p. 140–146.

FLEITH, Denise de Souza (Org.). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 1: orientação a professores.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

GAGNÉ, F. **Transforming gifts into talents: the DMGT as a developmental theory.** In: COLANGEL, N.; DAVIS, G. A. (Eds.). *Handbook of gifted education*. 3. ed. Boston, MA: Allyn & Bacon, 2003. p. 60–74.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática.** Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

NEGRINI, Tatiane; FIORIN, Bruna Pereira Alves; GOULARTE, Ravele Bueno (Organizadoras). **Altas habilidades/superdotação: abordagens teórico-práticas para o atendimento educacional especializado.** Santa Maria: FACOS-UFSM, 2022. 1 e-book: il.

RENZULLI, J. S. **O que é esta coisa chamada superdotação e como a desenvolvemos?** Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. *Educação*, Porto Alegre, ano 27, v. 52, n. 1, p. 75-131, jan./abr. 2004. Acesso em: 12 mar. 2023.

RENZULLI, J. S. **Reexaminando o papel da educação para superdotados e o desenvolvimento de talentos para o século XXI: uma abordagem teórica em quatro partes.** In: VIRGOLIM, A. *Altas habilidade/superdotação: processos criativos, afetivos e desenvolvimento de potenciais.* Curitiba: Juruá, 2018.



RENZULLI, J. S. **The three-ring conception of giftedness:** a developmental model for creative productivity. In: STERNBERG, R. J.; DAVIS, J. E. (Eds.). *Conceptions of giftedness*. New York: Cambridge University Press, p. 53-92, 1986.

RENZULLI, J. S.; REIS, S. M. **The schoolwide enrichment model.** In: HELLER, K. A.; MÖNKES, F. J.; STERNBERG, R. J.; SUBOTNIK, R. F. (Eds.). *International handbook of giftedness and talent*. 2. ed. Oxford: Elsevier Science, p. 367-382, 2000.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIRGOLIM, Angela M. R. **Altas habilidade/superdotação:** encorajando potenciais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. 70 p.: il. color.